



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília

Instituto de Letras (IL)

Departamento de Teoria Literária e Literatura (TEL)

LUÍZA JÚLIA FERREIRA LIMA

APRESENTAÇÃO DA OBRA “A OSTRAS E O VENTO”

BRASÍLIA

2023

LUÍZA JÚLIA FERREIRA LIMA

APRESENTAÇÃO DA OBRA “A OSTRAS E O VENTO”

Análise apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura como requisito parcial à conclusão do curso de licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da Universidade de Brasília.

Professor orientador: Danglei de Castro Pereira

BRASÍLIA

2023

SUMÁRIO

- 1. INTRODUÇÃO**
- 2. APRESENTAÇÃO DO AUTOR: MOACIR C. LOPES**
- 3. A HISTÓRIA EM “A OSTRAS E O VENTO”**
- 4. O UNIVERSO NARRATIVO DE “A OSTRAS E O VENTO”**
 - 4.1. FOCO NARRATIVO
 - 4.2. TEMPO E ESPAÇO
- 5. MODERNISMO E PÓS-MODERNISMO BRASILEIRO**
 - 5.1. MODERNISMO BRASILEIRO
 - 5.2. PÓS-MODERNISMO: UM PERÍODO DE TRANSIÇÃO
 - 5.3. REGIONALISMO DE MOACIR C. LOPES
- 6. MARCELA COMO MULHER E O LIRISMO AMOROSO**
- 7. CONCLUSÃO**
- 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a fazer uma apresentação e análise da obra "A Ostra e o Vento", do autor brasileiro Moacir C. Lopes, perpassando toda a jornada histórica - desde a vida no sertão até seu encantamento pelo mar -, artística e psicológica desse escritor, que firmou sua reputação de grande ficcionista brasileiro, tal como o desenvolvimento dessa história e de seus personagens dentro do romance fantástico que é o livro, a partir dos simbolismos e construções narrativas feitas na escrita da obra.

De tal forma, foi feita pesquisa bibliográfica e análise da obra em questão para destrinchar o conteúdo do texto e principais interpretações que foram feitas com a leitura da narrativa, com o objetivo de enriquecer a interpretação desta, fornecer a outros leitores um ponto de vista detalhado sobre os principais aspectos encontrados no livro e construir novas ideias sob diferentes pontos de vista.

A literatura tem o papel de explorar diversos âmbitos e contextos dentro da construção da personalidade humana. A Literatura, como um todo, resgata de diversas formas, e a todo momento, a história e o processo civilizatório de um povo, além dos aspectos culturais desse povo e como ele se desenvolveu em meio às mudanças que aconteciam à época, mostrando seu papel funcional na vida de qualquer pessoa.

Na literatura brasileira, porém, há poucos autores que exploram convictamente a ficção, principalmente tratando-se de romances que trazem a figura do mar tão intensamente.

Primeiramente, há de se falar sobre as influências do autor na sua escrita, sendo importante discutir o que a vida de Moacir significou na produção de sua obra literária, desde os momentos de infância até a vida adulta, e sua inovação na ruptura de foco narrativo, tempo e espaço. Na literatura, é comum que sejam trazidos os aspectos da vida real para dentro da ficção, logo o entendimento da história de um autor entrega meios de se fazer uma análise mais detalhada e rica sobre o conteúdo de sua obra.

Ademais, também cabe fazer uma retomada da história, para situar-se no universo fantástico da leitura desse romance e de seu desenvolvimento, para posteriormente discutir seus principais aspectos e manifestações do psicológico e ponto de vista dos personagens que participam direta ou indiretamente da obra. Nesse sentido, não é importante só resumir o conteúdo de "A Ostra e o Vento", mas entender

os elementos da narrativa que lhe dizem respeito, como o papel dos narradores, a presença de Saulo e o fantástico trabalho do autor em trabalhar os elementos de tempo e espaço, de uma forma inovadora e autêntica.

Em outro momento, assegura-se situar a obra em um contexto literário. Para entender o papel da historiografia literária, é importante também falar de um período histórico - tanto na literatura, quanto no panorama social -, e como as influências do autor fizeram parte da jornada de construção ficcional do livro. A historiografia literária é uma forma de pesquisar e analisar a repercussão simultânea da literatura na história, e da história na literatura.

Por fim, cabe falar do lirismo amoroso, do romance de Moacir C. Lopes, sua relação com o regionalismo, e a solidão e a figura de Marcela como representação e sentimento da mulher, em meio a utilização pelo autor de diversos elementos simbólicos e a ambientação na ilha.

2. APRESENTAÇÃO DO AUTOR: MOACIR C. LOPES

Autor de *A Ostra e o Vento*, Moacir C. Lopes nasceu em Quixadá, interior do Ceará, em 1927, e foi um escritor e marinheiro brasileiro, iniciando suas publicações com a obra *"Maria de Cada Porto"* em 1959. Iniciou sua escrita durante o período modernista, mas sua grande produção aconteceu especialmente no lapso temporal chamado pós-modernismo.

Moacir perdeu o pai aos dois anos de idade, e a mãe aos onze, ocasião na qual foi morar com seu tio, que era um homem muito áspero e o castigava quase todos os dias de forma forte e agressiva. A vida era complicada e sua situação familiar era delicada, coisas que o próprio escritor traria para dentro de suas obras posteriormente.

Em meio a tudo que estava acontecendo em sua infância e adolescência, Moacir começa a trabalhar, é preso injustamente ao tentar ajudar um homem e até mesmo é obrigado a prestar serviços. Assim que seu tio vai o buscar na prisão, por medo das agressões, ele não suporta e foge. Em um primeiro momento, pegou um trem de madrugada, sem dinheiro, e foi para Maranguape. Procurou um local para ficar e quando encontrou começou a viver, a escrever cartas e poemas, e a ler literatura de cordel, e a partir desse momento, já se identificava com a literatura. Mesmo após essa primeira fuga, seu tio o encontrou e isso fez com que ele planejasse outra fuga, dessa vez em direção ao sertão no Rio Grande do Norte, só que, antes disso, o destino o levou para conhecer o mar que, nas palavras do autor, "o chamou para ele".

O autor conta que, a essa altura, no panorama histórico brasileiro, o então presidente Getúlio Vargas fez um acordo com o presidente Roosevelt dos Estados Unidos da América, que precisava do apoio da América Latina na Segunda Guerra Mundial. Getúlio fez reivindicações para a indústria brasileira, e o Brasil teve que entrar na guerra. Nesse contexto, Lopes entrou para a Escola de Aprendizes de Marinheiro de Fortaleza, incentivado pela namorada Maria e em plena segunda guerra mundial; neste momento sua história com o mar começou. Lopes especializou-se em tática anti-submarina e radar, participando de diversas guerras a bordo, enquanto começava sua jornada como autor, incentivado por um amigo a escrever sobre a vida de marinheiro.

Conhecido como "romancista do mar", o autor se identifica com a água; ele fez longas viagens pelo mar, na escuridão, sozinho, durante a noite, e o mar sempre o encantou, mas também o apavorou. Tem adoração, fascínio pelo mar, pelo mistério,

pelo medo, e foi dentro de uma embarcação onde seu primeiro romance foi escrito. Sua primeira obra causou um alvoroço, e teve imediata repercussão no estrangeiro, principalmente em Portugal, local onde sua primeira obra foi radiofonizada, e até causou repercussão dentro da Marinha, por acharem que o livro contribuiu muito para a história da Marinha, principalmente em meio à guerra.

Quando ele estava formando seu estilo literário, pensou que deveria abordar o mundo de uma forma tríplice: dramático, lírico e realista. Usou esses elementos pois a vida de um marinheiro é de um realismo chocante e, ao mesmo tempo, lírica. O mar é um elemento mágico que penetrou no artista, não é de se espantar então que usou o mar como um personagem vivo dentro de outros personagens; o mar como pessoa. Personagens que ele conheceu, Marias por quem ele se apaixonou, ou fantasmas que seu próprio consciente criou em suas viagens.

Disse Moacir que "O homem isolado é um grão de poeira no infinito; mas, se é unido aos outros homens pela cadeia do amor fraterno, sua força é indestrutível". O autor parece trazer esse pensamento para toda a sua obra, traduzindo que o que realmente traz força ao ser humano é o bem estar em dividir seu tempo com outros humanos; o homem não consegue viver sozinho, pois depende da solidariedade de outros homens, e o amor é a corrente que os une. Há de se pensar que, na tentativa de não viver em solidão, o mar foi seu melhor amigo. Em "A Ostra e o Vento" a solidão não deixou de ser tema.

Parece então que o escritor produz uma obra que, além de tudo, é autobiográfica. Mas uma autobiografia que se transforma em ficção, e independe de ele ter vivido aquilo ou não, porque a vivência se mistura com a invenção. O autor é tão inventivo, que a trama não acontece pois ele viveu aquilo, mas acontece e, por acaso, ele viveu aquilo. Sua obra não depende do seu histórico na Marinha ou de sua vida no sertão para ser compreendida, mas sabendo quem é Moacir C. Lopes e o que ele viveu, talvez isso amplie a análise de seu processo de criação.

A infância do autor foi marcada por solidão e sofrimento pelas mortes de sua família, e acabou por encher suas histórias de sonhos e idealizações, misturando a imagem de sua família e a vivência no sertanejo e no meio do mar. São esses poucos conhecimentos sobre o escritor que nos permite entender sua inserção na obra "A Ostra e o Vento", não na figura de Marcela ou de Saulo, mas de um contador de histórias que está presente naquela criação e entende, emocionalmente e poeticamente, a solidão do mar, e a vida no sertão naquele momento da história.

3. A HISTÓRIA EM "A OSTRAS E O VENTO"

O livro "A Ostra e o Vento", publicado no ano de 1964, fala sobre Marcela, uma menina que chega a uma ilha chamada Ilha dos Afogados com o pai, um faroleiro, e passa a viver nessa ilha isolada, sem convívio com rapazes e outras pessoas. A história gira em torno de Marcela, que chegou na ilha com 9 anos de idade e viveu nela durante 13 anos, jamais voltando ao continente, pois José sempre a proibiu.

O tema do livro trata principalmente de solidão, mas uma solidão que leva à loucura. Ao autor, surgiu uma ideia de uma menina criar um personagem na imaginação dela, e que o livro fosse narrado por esse personagem que não existe fisicamente. À medida que essa menina cresce, ela sente cada vez mais a necessidade de se relacionar com as pessoas para sustentar a difícil vivência nesse lugar. Mas esse crescimento é marcado, além de tudo, pela descoberta de sua sexualidade e frustração de sempre estar solitária, em uma ilha deserta.

José, um solitário homem e pai de Marcela, é o faroleiro da ilha, e tem um ajudante chamado Roberto, que substituiu seu antigo ajudante Daniel. Se mudou para a ilha após ser traído pela mulher, trazendo consigo um rancor que é inerente a si, e esse rancor é descontado na própria filha, pois enxerga em Marcela a própria imagem de sua ex-mulher. Devido a isso, o desenvolvimento de Marcela e descobrimento de sua sexualidade o deixa inteiramente irritado, pois o faz lembrar da mulher. Por isso, cada vez mais ele não só insiste em manter a filha isolada na ilha, mas a relação dos dois fica cada vez mais difícil e distante. Qualquer manifestação de sexualidade de Marcela é reprimida pelo pai, que se lembra da ex-mulher e de como ela o afastou para a ilha. Nesse sentido, José tem consciência que essa raiva o destrói cada vez mais, mas o ódio o consome tanto que ele não sabe outra forma de viver.

Daniel é um velho marinheiro e ex-assistente do faroleiro José, substituído por Roberto. Daniel é como um guia, um mestre para Marcela, trazendo livros, histórias e objetos do continente para Marcela. Tudo ao que a menina não tem acesso na ilha, ele a ensina, até mesmo sobre os perigos da ilha. O fato é que ele entende o que a ilha significa mais que qualquer um, fala que viver numa ilha é ser uma ilha, e que o maior desafio é suportar a nós mesmos. O autor traz a figura de Daniel como um sábio ancião, pois muitos dos ensinamentos que ele traz parecem premonições e avisos a Marcela, pois ele sabe o perigo que morar na ilha representa. Chega um momento em que é impossível distinguir os próprios sentimentos, pois identificar-se com a solidão da ilha é enxergar a si próprio como representação dela, e nada mais.

Por fim, Saulo nada mais é que criação de Marcela para lidar com as angústias que sente causadas pela solidão na ilha. Saulo se apresenta como devaneio de Marcela, uma idealização feita por ela que, no mundo real, não existe. Assim que Marcela percebe algo em si - nesse sentido, sua própria sexualidade -, ela compreende seu corpo e cria um homem buscando o encontro com um outro corpo. Essa criação ocorre de forma tão realista que Marcela nunca duvida da existência de Saulo; nunca questiona seu aparecimento, mas está completamente ciente dele. O primeiro encontro de Saulo e Marcela mostra isso, pois assim que ela o vê, olhando para a ilha dentro de um barco, imagina como será quando ele a tocar pela primeira vez.

A história se inicia com uma vírgula, uma marca de sentido que talvez não seja compreendida, mas tem um significado: a primeira cena do livro ainda será contada ao final. Em uma mistura de narrações de Saulo e do narrador onisciente que fala na perspectiva de Daniel e dos outros personagens, as primeiras páginas do livro já começam no final da história, com o marinheiro chegando na ilha vazia procurando seus moradores, e só posteriormente o narrador começa a história dos personagens de fato, iniciada por uma memória que Daniel tem de Marcela (LOPES, 1995, p. 8):

Atingiu o planalto. Já pode caminhar mais rápido.
Vontade de abraçar Marcela, falar-lhe do continente.
Dirá da saudade que tem sofrido. Escutará outra vez
sua voz perguntando, como naquele dia...

O início do romance começa com Marcela fazendo um questionamento a Daniel: "- Daniel, você é velho? Quero dizer..." (LOPES, 1995, p.9), pergunta para qual a resposta é afirmativa. Essa primeira cena dos dois retrata algo que é contumaz na obra, que Daniel, por sua idade e por ser um marinheiro de experiência, é um mestre para Marcela, e inclusive a ensinou a ler e escrever. É nesse primeiro momento também que o velho Daniel volta sua consciência para o presente e encontra o diário de Marcela, sendo importante reconhecer as rápidas passagens que a história faz entre futuro e passado, pois isso será recorrente durante toda a leitura. Isso quer dizer que a história está acontecendo, simultaneamente, no passado e no presente para o leitor. O presente começa quando Daniel desembarca na Ilha dos Afogados e não

encontra ninguém, buscando Marcela e os outros moradores incessantemente, e o passado se mostra com a leitura dos diários de Marcela e José.

A primeira coisa que Daniel encontra no diário de Marcela é a menção do nome Saulo, o "brinquedo de meu corpo na solidão desta ilha, entre o velho Daniel e José, meu pai, entre catraios e gaivotas, vento e mar..." (LOPES, 1995, p. 9). O velho, no entanto, não faz ideia de quem é Saulo, pois ele nunca esteve entre os moradores da ilha. Daniel volta a procurar Marcela pela ilha, dentro de sua casa, no quintal, na fonte, na Pedra das Penas, e não a encontra, mas ele sente ela presente na ilha. Nesse momento, há uma aparição de um narrador que se pode talvez identificar como Saulo (LOPES, 1995, p. 10):

Daniel... Daniel... sim, Daniel, ela está aqui... ali...
repetindo os mesmos passados, o mesmo riso, cada
gesto. Não escuta? repare, Daniel! Marcela é toda a
ilha! Não a vê ali... como naquele dia... há quantos
passados? Em que idade era ela e esta ilha?

Voltando ao passado, se passa uma importante cena para a história: a menina Marcela descobrindo os ventos, as aves e as flores, isso tudo pois uma flor nasceu na ilha. A flor que nasceu era Marcela. E todo dia nasciam flores novas, das quais Marcela cultivava e cuidava para que crescessem. Todas as flores representavam Marcela. A importância decorrente dessa interpretação é entender o que o crescimento de Marcela significa.

Na busca pelos moradores da ilha, Daniel descobre que na noite anterior houve um grande temporal e alguém apagou o farol sozinho. Cabe adiantar que a busca dura o livro inteiro, por toda a ilha, com diversas passagens dos diários de Marcela e de José sobre tudo que aconteceu no desenrolar da história de vida deles até aquele momento.

Marcela e José chegaram à Ilha quando a menina ainda tinha nove anos de idade, e começaram a adaptar a ilha para sua moradia. Marcela aprende muito com Daniel e suas histórias, e também passa a inventar suas próprias narrativas. Ela passa por sua infância e chega à adolescência, aprende a cozinhar e ganha seu primeiro vestido de Daniel. A partir disso, Marcela cresce e começa a ter mais noção das coisas, passa a entender o que é ser adulta e o que os livros "de gente grande" de

Daniel significam. Não só entende isso, mas também deseja ser vista como uma mulher.

Pepe, um pescador espanhol e colega de Daniel, é quem consegue muitos dos presentes para Marcela. Ele diz que fala muito dela no continente, e que outros pescadores querem que ele a leve para fora da ilha, para assistir a festa dos pescadores. Nesse momento, o narrador incorpora José, pai de Marcela e, a partir de sua perspectiva, coloca em palavras o sentimento de rancor que ele ainda tem pela ex-mulher (LOPES, 1995, p. 29):

Pescador não é raça de gente, Marcela. Não vai!
Era José quem falava, lembrando Joana, fugida com um, por isso esta ilha, vingando-se na solidão que era vingança maior.

É nesse trecho que José deixa claro o motivo pelo qual fugiu para a ilha - como um ato de vingança - e como começou a ver a própria Joana na imagem de sua filha, quanto isso o doía. Nesse sentido, a solidão de José é ainda muito maior do que a de Marcela; ele vive, trabalha, cuida do farol e depois se isolava outra vez, enquanto ela era livre e possuía e desbravava a ilha; ele se matava aos poucos (LOPES, 1995, p. 66):

José... para se sentir o valor da solidão é preciso ser livre. Você tenta vingar-se na solidão, mas ela é maior que o ódio, é maior que o crime.

Marcela, já no corpo de mulher, agora sofria outra reprimenda: ficar com o corpo nu na praia. Costumava tomar banhos no mar, mas agora seu pai a proibia, e quanto mais Marcela crescia, mais José se isolava e se afastava da filha. Mas é nesse corpo que ela começa a se descobrir, enquanto sentada na areia da praia, e descobre o frio que percorre o corpo dela e eriça os pelos de seu braço, e se questiona se essa sensação é causada pelo vento; ela, agora que não brinca mais de boneca, entende seu corpo por completo, marcando sua verdadeira passagem como mulher, mas uma passagem física, não emocional. Sente o vento como grande catalisador dessas sensações, e é por meio desse mesmo sopro de vento que vê Saulo pela primeira vez.

Saulo chega pelo mar quase que imediatamente nesse mesmo momento, e fica claro que ele está inteiramente ligado ao primeiro momento em que Marcela entende seu corpo de mulher pela primeira vez, mas ele ainda não tem nome. Ela enxerga este homem desconhecido sendo trazido pelo vento e imagina que aquele homem poderia tocá-la. Saulo está completamente imóvel, em um barco no meio do mar, e ela passa a querê-lo tanto que, se ele não chegar até ela, ela precisará absorvê-lo. Nesse momento, nada mais acontece, e a identidade dele permanece um mistério para ela, pois ela precisa voltar para sua casa para ajudar seu pai, mas não deixa de se questionar sobre ele; nem seu pai, nem Daniel a levaram a sério. No mesmo dia, mesmo voltando à praia para procurá-lo, não o encontra, mas começa a escrever sobre ele em seu diário.

Nas próximas aparições de Saulo, ele assume a posição de narrador, interrompendo o fluxo do narrador onisciente, e primeiro começa a contar sobre o momento em que quase conseguiram chegar um ao outro, mas foram interrompidos por Daniel; Saulo até mesmo tem ciúmes de Marcela com Daniel. É nesse mesmo dia que Daniel e José percebem que Marcela está ficando estranha.

Posteriormente, quando Marcela está deitada em sua cama, nua, doente e febril, ela começa a brincar com o candeeiro e projetar sua sombra no teto de seu quarto, imaginando se houvesse outro corpo sendo projetado na sombra do teto. É nesse momento que o vento bate dentro do quarto de Marcela e Saulo faz sua entrada no tão esperado reencontro dos dois (LOPES, 1995, p. 60):

Nesse instante, há um sopro de vento, eu penetro na casa, encho-a de mim, envolvo o corpo de Marcela e chamo-a para a praia.

Ela se levanta, envolve-se no lençol, abre a porta e desce correndo. Brilham seus cabelos à lua. Desço com ela e assustamos as aves. Enfim... Marcela...

Saulo interage com Marcela através do vento. Ele se manifesta pelo vento e parece idealizá-la tanto quanto ela o idealiza. Eles aguentam a espera para ver um ao outro e Saulo declara que esteve esperando por Marcela desde que a primeira flor se abriu na ilha, evidenciando a intenção do autor de relacionar o desabrochar de Marcela com o desabrochar de uma flor. Saulo na verdade conheceu Marcela quando era criança, mas agora a está conhecendo como uma mulher; essa consciência de Saulo

da diferença do corpo de Marcela é, nada mais que, a consciência da própria Marcela sobre seu próprio corpo e do calor que emana dele.

Depois desse encontro, José descobre que Marcela está se encontrando com alguém frequentemente, mas ele nunca viu esse alguém, nem sabe como ele chega na ilha e o que fazem juntos. Passou até mesmo a desconfiar de Daniel, o que fez com que ele deixasse a ilha e causasse mais angústia a Marcela. A mulher passa a pensar somente em Saulo, como se necessitasse de seu amor para viver. O pai a culpa por isso, por estar com alguém e querer dominar a ilha com essa pessoa, e começa a ficar paranoico com isso, sem saber onde está esse homem desconhecido e onde ele se esconde: "Querem enlouquecer-me!" (LOPES, 1995, p. 67).

Marcela passa a não ligar mais para o que pensa seu pai e cada um se isola mais ainda, em uma rotina eterna, um perdendo o outro. Roberto, novo assistente de faroleiro, chega à ilha de modo misterioso, e sem dar muitas informações para os outros moradores, e até chega a exprimir certo desejo por Marcela, mas sempre sob os olhos de José. Este, dizia que Roberto queria expulsá-los da ilha para virar dono dela, era misterioso e pouco falava; os três moradores eram como estranhos um para o outro. José passa a ter medo de Roberto, pois sua presença enche toda a ilha. Quando Marcela não consegue mais controlar seus desejos, ela tenta entregar-se para Roberto, mas desiste, pois, percebe que somente Saulo pode completá-la, ele é sua única desangústia, mas ao mesmo tempo é o que causa sua loucura.

Nesse momento da trama, a Ilha dos Afogados passa por um temporal e fica envolvida pela neblina, entrando em sua própria loucura, enquanto isso seus três moradores passam por diferentes angústias. É a noite dos homens, sem princípio nem fim. José sobe para acender o farol - pois em meio a tempestade, o farol não pode apagar-se -, mas tudo está normal, não há nenhum barco se aproximando. Marcela parece estar em uma grande crise e vai até a praia para buscar a desangústia em Saulo. Por sua vez, Roberto começa a ouvir soluços e gemidos vindos da praia, e encontra Marcela nua, estendida sobre a areia.

Marcela se assusta com a chegada de Roberto e foge dele, que começa a segui-la, preocupado com sua situação. No mesmo instante, José encontra os dois e é dominado pela loucura, pensando que estão se juntando contra ele (LOPES, 1995, p. 118-119):

[...] Quando segura seus braços, Marcela grita, assustada, como se vira um monstro, e foge rolando na areia. Segue-a, tentando ampará-la, protegê-la contra a onda que vem quebrando. Mas nesse instante escuta como um urro atrás de si. Volta-se e vê José de pé no barranco segurando nas mãos a vara com que tangia as gaivotas.

- Canalhas! - Salta sobre os dois brandindo a vara. Roberto arregala os olhos sem compreender o que está passando. O velho é um louco descendo a vara nos ombros e busto de Marcela, que grita e vai se arrastando na direção das lajes, consegue subir, pôr-se de pé, agarrando nas mãos a camisola úmida. Encolhida e protegendo-se com os braços, apenas ri voltada para o velho.

- Que importa agora? Que importa? Nada mais me importa! Nada!

Em um momento de completa loucura, Marcela foge, sem nem saber do que foge, e vai em direção à Pedra das Penas. Enquanto isso, José, ao ouvir gritos de socorro no mar, pensa que algum navio se chocou e grita por Roberto para salvar os homens que ele ouviu. Apesar de que Roberto tem a certeza de que José está louco e que não há ninguém gritando, ele aceita que a maldição que o perseguiu a vida toda finalmente o encontrou, e não teria mais como fugir. Por fim, ele segue seu mestre José e os dois entram no mar para resgatar quem quer que seja, mas acabam desaparecendo em meio à correnteza.

Saulo assume a narração e declara que agora a ilha está livre, e o momento de desangústia de Marcela finalmente chegou, pois os homens jamais regressarão. Ele exige que ela apague o farol, para que ninguém encontre o caminho da ilha e sejam só ele e ela. Marcela arrebenta os tubos e apaga o farol, fazendo com que a luz se acabe em toda a Ilha dos Afogados, que fica imersa na escuridão (LOPES, 1995, p. 139):

- Saulo... quanto tempo... quanta espera... quanto precisei de suas mãos para guiar-me... agora a ilha é nossa, completamente nossa, está em mim e em você.

Resta somente Marcela e Saulo na ilha, mas ela fica com medo de ele a consumir, pois ele é imenso demais. Ela se liberta de Saulo e foge, mas percebe que está na escuridão, imersa pela neblina, e não enxerga nada. Continua correndo, cai, se levanta, tateia na escuridão e ignora os gritos de Saulo por ela. Escuta o grito dos homens, sabe que eles irão morrer e não há ninguém para salvá-las; em um momento de lucidez, entende que precisa salvar seu pai e o ajudar a envelhecer, e que não há porque ter medo de Roberto, pois ele só quer fazer parte da família. Marcela entra no mar atrás de José e Roberto, mas os gritos que escuta estão a enlouquecendo; ela é tomada pela correnteza. Como Marcela era a ilha, assim que sai dela, ela morre. Todos os habitantes da ilha dos afogados morrem, então, afogados.

Daniel, após ler o diário de Marcela, percebeu que nunca deveria ter fugido da ilha; deveria ter suportado um pouco mais antes de abandonar a menina, e assim poderia tê-la salvo. Do início ao fim, ele mostra que Marcela é a pessoa mais importante da ilha, e a que ele mais amava, mesmo passando de ilha em ilha. Em todos os lugares que a via, não a vê mais (LOPES, 1995, p. 48):

[...] Ela era a ilha. Viva ou morta neste momento, continua sendo e continuará a ser esta ilha. Está aqui, dentro da cabana, sente o cheiro ativo de manjerição... aqui, andando em volta, subindo e descendo pelo córrego, escuta o deslizar da água, seus passos no vão da cabana... [...]

Ele não era só um amigo, mas algo parecido com uma figura paterna para ela, enquanto seu próprio pai não a amava e somente a enxergava como um objeto ao qual se agarrava após a traição de Joana. Com as incessantes buscas pela ilha e pelo mar, Daniel agarra-se às últimas expressões de Marcela, como as flores que devem ser regadas: "É preciso regar as plantas, não pode deixá-las morrer. Elas são outra forma de Marcela, e enquanto continuarem vivas ela viverá" (LOPES, 1995, p. 82). O livro começa com uma vírgula, e com uma vírgula ele termina, como se só agora a história começasse do princípio, em uma eternidade e circularidade de tempo.

Moacir C. Lopes explicou a construção da narrativa desta história. Uma das viagens de Moacir nas embarcações era ao sul do Brasil, atravessando o Rio Paraná até Mato Grosso, situação na qual pegou um temporal violento logo que saiu do Rio de Janeiro. Quando chegou à costa de São Paulo, o temporal fez com que ele e os

outros passageiros se abrigassem em uma ilha na costa. Desembarcou na ilha e, ao conversar com o faroleiro desta ilha, ficou impressionado com a solidão compulsória da pessoa que se isola do mundo para viver consigo mesmo, e como isso pode levar alguém a loucura, como tem levado muitos faroleiros brasileiros (LOPES, 1995, p. 14):

[...] Lembro aquele outro farol onde estivemos outro dia. Se recorda Sérgio? Aquele em que a mulher do faroleiro já nem suportava olhar para o marido, até já contara todos os fios de sua barba, e ele contara todos os sinais do corpo dela, aí, pra novidade, ela entornou as garrafas de acetileno. E naquela outra ilha em que o marido, sozinho com a mulher, começou a ciumar dela? Incendiou a ilha para matar até as cobras... [...]

A partir dessa inspiração, em meio à solidão e a loucura, nasceu a história de "A Ostra e o Vento".

4. O UNIVERSO NARRATIVO DE "A OSTRAS E O VENTO"

Para fazer a leitura de "A Ostra e o Vento", o mais importante é entender a genialidade da criação narrativa feita pelo autor. Cabe tratar, portanto, de todos os aspectos inerente a uma narrativa, seja o foco narrativo da história, seja o tempo e o espaço de sua existência.

4.1. FOCO NARRATIVO

Primeiramente, o leitor tem contato com um narrador onisciente, que narra em terceira pessoa e está distante da história, sem sequer mostrar fazer parte dela. Ele tem um olhar externo ao universo do livro, mas às vezes assume o discurso dos personagens, expondo seus fluxos de pensamento e conflitos mais íntimos. Posteriormente, o narrador aparece como alguém muito ciente daqueles acontecimentos, que poderia até ser afetado por eles, mas ele nunca assume a posição de um personagem, e sim de alguém que conhece pessoalmente os personagens e testemunhou a história que está se passando.

Não se trata, no entanto, de um narrador só, mas dois narradores que se misturam, sem que o leitor faça, necessariamente, essa distinção. O primeiro narrador, onisciente, controla o desenrolar da narrativa e os sentimentos dos personagens, enquanto o segundo narrador, homodiegético - nesse sentido, um narrador que é

personagem, mas dentro daquele mundo ficcional, somente como testemunha -, assume a narração em primeira voz sem interferir nela, mas observando de perto o que está se passando, sem poder mudar o rumo da história, pois isso está nas mãos do narrador onisciente.

Esse narrador homodiegético, afinal, não se trata de ninguém mais, ninguém menos, que Saulo. O mesmo homem que existe somente na cabeça de Marcela, assume a posição de narrador enquanto a observa e está com ela. Muito se questiona a lucidez de Marcela por isso, pois parece que, em meio a uma história real, Marcela vive uma outra história contada por alguém que só existe para ela. Saulo como narrador tem o poder de mostrar sua visão toda vez que invade o discurso do narrador onisciente e passa a viver a trama. Saulo é o narrador, mas ele não existe. Se ele não passa de uma invenção de Marcela, uma projeção de seus impulsos, como é possível ele estar narrando o livro? Aqui, figura o papel de escrita inventiva do autor, que transcende a fronteira entre o real e o imaginário

Saulo ainda adquire a posição mais poderosa dentro da fantasia de Moacir C. Lopes, pois é impossível, no plano real, tentar explicar sua existência, quando se manifesta apenas por Marcela, mas conta a história como alguém que já a viveu, ou a está vivendo, como se sempre tivesse existido para todos. Quanto à dimensão de Saulo, no entanto, o autor não deixou nenhuma resposta. Mesmo após a morte de Marcela, Saulo continua vivendo. Como ele vive fora dela, se eles partilhavam o mesmo corpo físico e ele adveio da sua imaginação? "Arrasto-me pela ilha buscando-a, mas já não existo em Marcela. Ela cai, levanta-se, corre, tateia na escuridão, e ouve gritos vindos do coral." (Lopes, 1995, p. 141).

Enquanto isso, o narrador onisciente, simultaneamente, está presente em todos os personagens e a todo tempo. O que acontece é que ele assume a mente e os pensamentos de cada um dos personagens, em uma confluência que permite entender que ele não apenas observa o que está acontecendo de fora, mas é ele que dá início aos pensamentos assim que uma nova pessoa está vivenciando algo. Ao fazer isso, ele entrega o foco àquela pessoa, ainda que ela não esteja narrando; ele dá controle de decisão para todos os participantes da história, mas também é quem controla a história deles e ordena o que vai acontecer posteriormente.

Nesse sentido, FODY (1978), explica que a estrutura narrativa está mantida entre quatro fontes:

A estrutura narrativa é muito complexa, já que a narração é mantida entre quatro fontes: o diário de Marcela; Saulo – o vento – de sua perspectiva do alto; o Velho Daniel voltando com os homens para investigar a falha do farol; e a brevíssima intrusão do autor no início (Fody, 1978, p. 116).

Apesar de Fody somente contemplar quatro fontes, não se pode esquecer dos registros de José, o faroleiro e pai de Marcela, que também mostra sua visão do que acontecia na ilha, às vezes das mesmas coisas que Marcela, mas contadas e compreendidas de modo distinto.

4.2. TEMPO E ESPAÇO

Além dos dois narradores que se misturam, o próprio tempo do romance é fragmentado. Ora o narrador fala sobre passado, ora sobre o futuro, em um vai e vem ininterrupto, mas em uma linguagem consciente. Em um momento, o foco se apresenta em algum trecho do diário de Marcela, em outro o foco volta para a ilha, enquanto o narrador onisciente e o narrador se intercalam.

As trocas de foco narrativo e a fragmentação do tempo acontecem simultaneamente em todos os momentos presentes em "A Ostra e o Vento", parecendo que o mesmo momento no tempo é contado várias vezes, mas sob perspectivas diferentes. Pode-se até assumir que o autor utilizou da focalização múltipla, dando ao leitor a possibilidade de vivenciar o mesmo acontecimento em dois lugares ficcionais diferentes, desenvolvendo a diegese e mostrando o ponto focal por meio do qual o universo romanesco de Moacir C. Lopes chega para quem está digerindo a história.

O autor, nesse sentido, fez algo inovador ao criar um universo romanesco com uma fragmentação de tempo e espaço inventivos e dinâmicos, que se adaptam à caracterização psicológica dos próprios personagens e seus sentimentos. A leitura feita pode, em momentos, parecer sem nexos, mas é uma forma de entender e individualizar os pensamentos dos personagens, a partir de seus pontos de vista. Isto significa dizer que, até as coisas mais subjetivas e intrínsecas a um personagem, são possíveis de serem compreendidas e diferenciadas de outro personagem, pois o

narrador, mesmo olhando de fora, assume a posição dos personagens para dar dimensão psicológica a eles.

5. MODERNISMO E PÓS-MODERNISMO BRASILEIRO

A produção de Moacir C. Lopes começou no modernismo brasileiro, mas foi feita, em grande parte, em uma transição chamada de "pós-modernismo". Cabe falar, portanto, da adequação de "A Ostra e o Vento" dentro desse período literário e o que significa o romance regionalista de Lopes, não de forma a impor essas características ao desenrolar da obra, mas de enxergar se tiveram ou não influência na construção do autor.

A historiografia literária, nesse sentido, trata de compreender o papel social da literatura brasileira em um período de tempo, e como ocorre o rompimento com a estética de períodos anteriores, mesmo utilizando o mesmo tema. A depender do tempo histórico, a literatura se volta à idealização de um povo, em outro se preocupa em debater temas sociais e fazer críticas aos preconceitos, e em outro momento é dotada de extremismos e enorme subjetividade. Mesmo quem produz uma obra diz muito sobre o período histórico em que ela é feita.

5.1. MODERNISMO BRASILEIRO

A Primeira Geração do Modernismo ocorreu em meio ao aumento da inflação, greves e insatisfação política no período pós primeira guerra mundial. Os autores desse período buscaram, principalmente, o rompimento com o passadismo e o academicismo, tradicionalismo, em uma renovação estética baseada nas vanguardas europeias.

A segunda geração, que muito importa à análise da obra de Moacir C. Lopes, foi uma fase de consolidação, que trouxe temáticas bastante nacionalistas e regionalistas, além da prosa de ficção. Nesse contexto, cabe falar de "A Ostra e o Vento" como um romance regionalista, que faz uma análise psicológica e sociológica quase que inerente a alguns autores dessa geração.

Para fazer a afirmação de que Lopes é um escritor modernista, é possível ligar seus romances marítimos com o de outros autores do modernismo. Além de um escritor experimental - devido a usar o mar como ambientação universal em suas obras - ele utiliza de recursos técnicos evidentes na literatura moderna brasileira, além de abordar temas tradicionalmente inerentes à segunda geração do modernismo.

Tendo como base, principalmente, "A Ostra e o Vento", é mais fácil acomodar esse autor dentro do modernismo brasileiro.

5.2. PÓS-MODERNISMO: UM PERÍODO DE TRANSIÇÃO

A terceira geração, já pós-modernista, traz uma prosa, ao mesmo tempo, regionalista e intimista, psicológica, além de um realismo fantástico, místico. Nesse sentido, é de suma importância trazer a figura de Saulo como uma grande projeção fantástica dentro da literatura brasileira. O Pós-modernismo é uma tentativa de abandono de certas idealizações que a modernidade teria legado aos brasileiros, como certos ideais de liberdade, progresso e acesso à verdade, que se mostraram difíceis de alcançar;

Esse período acontece justamente após o final da segunda guerra mundial, e traz consigo uma nova dinâmica política e econômica. O pós-modernismo irá dizer que as esperanças da modernidade são ilusórias, e um dos efeitos disso é essa ideia de que podemos ter um acesso direto à realidade, ela mesma. Esse período encaminha os indivíduos muito rapidamente para o construtivismo, a ideia de que no fundo a realidade ela mesma não existe, o que existe são sempre construções sociais que, por convenção, cada cultura aceita como a realidade.

O filósofo Bertrand Russell acredita que a aparência e a realidade são coisas distintas. A ideia de que a realidade varia conforme o ponto de vista, isso é dizer que cada perspectiva tem uma determinada aparência - não há problema em ter aparência e realidade diferentes, o problema é que tentamos, rapidamente, saltar da aparência para a afirmação da realidade. Um ponto de vista sempre será privilegiado. Apesar de Russell se referir à sociedade fática, ele trata de um aspecto muito interessante que Moacir C. Lopes insere em sua obra, em que tudo que existe depende do nosso ponto de vista. A filosofia não é o ponto de discussão principal nesse sentido, mas é interessante que os próprios personagens de "A Ostra e o Vento" também tem uma dimensão filosófica, pois existem em um campo de sentido, logo existem para eles mesmos. A presença de Saulo, como exemplo, está apenas no campo de sentido de Marcela, mas o autor mostrou que ele existe mesmo além dela.

A literatura desse período é mais fragmentada, com uma vasta mistura de estilos e características, e uma nova consciência crítica que dá suporte para que a ficção tome lugar nesse cenário. O pós-moderno trata do descontentamento com a falsidade do mundo que consideram "real"; não é só escrevendo sobre realidade e

ficção que se constrói uma obra pós-moderna, mas é ter a noção de que o artista está escrevendo sobre isso pois possui o senso crítico dessa estética, e quer tratar a ilusão do mundo com intenção, não de forma inventiva.

Portanto, apesar de sua escrita não tradicional, é difícil inserir Lopes em um período como o pós-modernismo, mesmo que a maioria de suas obras tenha sido escrita dentro desse lapso temporal. Isto porque, ser um escritor de um período literário é atribuir a essa pessoa uma intenção sociopolítica ou sociocultural que não pode ser inventada por outras pessoas, e mesmo que sua técnica narrativa seja inovadora e ele traga o fantástico para suas histórias, é importante entender que ele não estava necessariamente escrevendo com a percepção engajada do mundo pós-guerra, mas sim brincando com o experimentalismo moderno da literatura brasileira.

5.3. REGIONALISMO DE MOACIR C. LOPES

Sabe-se que o autor cresceu no sertão nordestino, local comumente utilizado como espaço físico e psicológico dentro das obras regionalistas do modernismo. No entanto, não se fala muito no espaço regionalista fora do ambiente rural, pois a maioria das definições de regionalismo apenas abarca a dicotomia entre campo e cidade, com as características típicas da seca, do patriarcado e do sofrimento, abarcando as dificuldades existentes, principalmente no campo de crítica social.

Cabe tratar então que a obra não é uma obra regionalista destinada a fazer uma forte crítica social, apesar de que o autor já explorou esse campo pela influência do regionalismo brasileiro da geração de 30, mas sim trata-se de um romance que é regionalista à medida em que retrata autobiograficamente a vida do autor longe da cidade e do espaço urbano. Não se sabe onde fica a Ilha dos Afogados, nem se é um espaço geográfico com uma especificidade cultural; apenas se sabe que é o fato de ser uma ilha, longe do continente, que determina o desenvolvimento e complexidade psicológica dos personagens.

Desenvolve o ambiente marítimo como regional, à medida em que trata-se de um espaço afastado da cidade - lê-se continente - em um ambiente diverso do urbano, que é o mar. O regionalismo, portanto, não está limitado a um campo ou espaço rural, mas a uma ilha, pois ele está ligado mais à natureza do que à região em que se encontra. A dicotomia que se revela, portanto, na obra, é entre a vida agitada do continente e a solidão da ilha.

Não cabe tratar o mar aqui como um espaço urbano, pois a espacialidade marítima de Lopes não se confunde com o campo ou a cidade. Entende-se o romance regionalista desse autor como um romance do mar, pois ele não foca no regionalismo tradicional, e o objetivo de sua técnica de romance é quebrar os conceitos de tempo e espaço. Cabe tratar o autor como regionalista a partir da concepção de fugir da cidade, mas não de estar em um espaço rural propriamente dito. O mar é o que define e constitui a narrativa em "A Ostra e o Vento", e é ele que dá sentido a todo o universo de Moacir C. Lopes.

6. MARCELA COMO MULHER E O LIRISMO AMOROSO

Desde o início da leitura, questiona-se, qual a necessidade de Marcela inventar Saulo? Sabendo que Moacir C. Lopes utiliza o lirismo como base em todas as suas obras, entender o romantismo de Marcela é também compreender o sujeito poético desta personagem a partir da construção do próprio autor. Cada vez que Marcela escrevia em seu diário ela expressava uma emoção diferente, às vezes a letra estava pequena, outras vezes espichada e corrida, às vezes trêmula, dando à personagem uma dimensão psicológica diferenciada, decorrente do seu isolamento como mulher.

O fato é que Marcela é uma personagem mais complexa e envolvida pelos conflitos de seu crescimento e desenvolvimento do que aparenta ser. Enquanto a história acontece, ela passa pelo início de sua puberdade, marcada por sua primeira menstruação e mudanças corporais. Assim que ela começou a desvendar seu corpo, finalmente entendeu o quanto estava isolada e desenvolveu uma histeria devido a isso. Essa solidão fez com que ela criasse Saulo, um homem que vivia apenas por ela e para ela, em uma tentativa de acabar com o sentimento ruim de encontrar-se sozinha. Saulo é a idealização de salvação e romance para Marcela, mas também será, inevitavelmente, sua perdição.

Não só a solidão de uma ilha deserta, mas a solidão da mulher que se descobre nesta condição. Se entender como mulher foi, ver o corpo mudar, descobri-lo, e saber como dominá-lo; nesse sentido, ela descobre também a própria sexualidade e o prazer. A personagem, à medida em que cresce, passa a querer que outra pessoa, além de Daniel e José, a visse da mesma forma como ela estava começando a se ver.

Ademais, compete entender que ler a história "A Ostra e o Vento" é também uma forma de visualizar o universo psicológico de Marcela e sua personalidade. O próprio nome da personagem evidencia algo sobre como ela se enxerga dentro desse

universo. Marcela é como mar e cela, ela se sente prisioneira, condenada a vida na ilha; a ilha é sua cela, e tudo ao redor dela é o mar: "A Ilha se chama Marcela, esse mundo encadeado de mar se chama Marcela. Marcela!" (LOPES, 2000, p.60)". Marcela se projeta na ilha, sua eterna prisão. Além de tudo, mostra um panteísmo enorme, pois ela se integra à natureza, criando Saulo com seus elementos, pois é tudo que conhece.

Ao encontrar-se na ilha e vê-se impossibilitada de sair daquela situação impossível. Impossível de sair, pois gostaria de ir ao continente e libertar-se daquela prisão na qual esteve privada a vida inteira: "Sinto-me presa nesta ilha, cada centímetro dela é habitada por papai e Roberto, entre mim e Saulo." (LOPES, 1995, p. 114-115). Ela não encontra outra maneira de alcançar sua libertação, senão por inventar Saulo. O que ela deseja, por fim, é ser amada. Marcela não se sente amada o suficiente, mas quer que alguém a ame tanto quanto ela ama essa pessoa.

Os elementos principais que envolvem Marcela são quatro: Primeiramente a ilha, na qual ela está presa e não tem como sair. Secundamente, o mar, que é o caminho pelo qual ela poderia sair da ilha, e também o local por onde entram os marinheiros. Em terceiro lugar, o continente, que é o único lugar no qual ela poderia obter a socialização que tanto idealizava. Há também o vento, que traz Saulo até ela, tanto fisicamente quanto psicologicamente. Por fim, a ostra, na qual é possível enxergar a imagem de Marcela, e ela até mesmo faz a comparação entre uma ostra e uma ilha. A ostra, que deu nome ao título, é fechada e resistente a ser aberta, mas quando é aberta, isso pode resultar em sua morte, como ocorre em um trecho do livro:

Segurou com a mão direita a ponta da faca e forçou-a nas arestas da concha de uma ostra. Só então reparou na resistência para manter-se fechada, e parecia morrer no instante em que sua vida interior era desvendada...Enfim, abriu uma concha, examinou-a e arrependeu-se de tê-la aberto. Comprimiu-a entre as mãos, tentando fechá-la a outra vez, mas quando a largou na areia ela tornou a abrir-se. Estava morta a ostra e não mais necessitava abrigar-se na concha, não tinha razão de fechar-se. Fora desvendada e por isso morrerá. (LOPES, 1995. p. 53)

Em um de seus momentos de maior confusão pessoal e sexual Marcela até tenta entregar-se a Roberto, talvez para reafirmar que é mulher e que pode ser tomada por um homem, mas desiste; Roberto é grosseiro demais, bruto demais, peludo como um animal. Nesse momento, ela lembra de Saulo, pois ele é a sua verdade, ele é quem faz parte dela. Ela precisa se libertar do homem grosseiro para chegar até Saulo, que é o único que pode suprir sua ânsia, é tão idealizado por ela que é seu remédio para lidar com as dores emocionais que sente. Ele, além de tudo, é também o que a destruiu (LOPES, 1995, p. 115):

Saulo é tão importante que está tomando conta de mim inteiramente. Nem posso mais entregar-me aos afazeres normais, auxiliar papai ou Roberto, que logo escuto seu chamado e corro sempre para ele. Vejo-o em todos os cantos da ilha, sinto-o em todas as partes do meu corpo, e espero que os mumbecos, de asas abertas, gritem do coral as horas que farão noite e possa correr para entregar-me a ele na praia. Já não importa que papai ou Roberto estejam ou não dormindo, já nem cuido que presenciem nossa posse. Tal é a ânsia de Saulo por mim e de mim por ele, que o vejo em tudo na ilha. Impregnado na água do córrego, e quando por ela caminho, sinto-o penetrando pelo meu corpo. No toque de sinos que o vento provoca nas fendas dos picos ele me completa de sons que se materializam como se me beijassem os ouvidos, a boca, os olhos, os seios e os cabelos, então sinto vontade de abrir-me ao vento e deixar que Saulo penetre inteiramente em mim.

Tenho que fazer esse registro enquanto distingo pelo menos que o vento ainda é vento, o córrego ainda é córrego, o mar ainda mar, que as aves são aves ainda, porque se continuar assim em poucos dias tudo será Saulo e não distinguir mais nada e nas páginas deste caderno só repetirei seu nome...

A importância de Saulo é que ele é o ápice do romance para Marcela. Ele é o melhor para ela e ela é o melhor para ele, então o amor passa a ser o único escape para ela sentir-se bem. Saulo a amar e sentir tanta falta de si é a forma mais romântica

possível que ela encontrou de sentir o afeto que tanto ela queria, mas que cada vez foi mais impossível de obter de seu próprio pai.

Uma das aparições mais significativas de Saulo é quando ele retoma a narração enquanto Daniel lê o diário de Marcela, momento em que o narrador destrincha brilhantemente o simbolismo de seu nome (LOPES, 1995, p. 90):

Saulo! A letra s é um caminho tortuoso que percorremos, de fora para dentro, de dentro para fora, num crescendo, e depois retornamos a nós mesmos. A letra "A" é o princípio e o fim, interligados, é o ápice, e tem a aparência de uma torre de farol - A letra U é o equilíbrio entre o bem e o mal, o poder de absorver e expelir, a atração entre o polo passivo e o polo negativo - A letra L é a decisão, o passo, a curva... A letra "O" são as cadeias fechadas, é a ilha, a ilha fora de dentro de nós mesmos. Sim... e Marcela está aqui, lá fora e aqui, presa à ilha, presa e ele.

Saulo nunca, ao menos, disse seu nome a Marcela. O nome também foi idealizado por ela, inconscientemente, pois se Saulo é parte de Marcela, e Marcela é a ilha, a sua criação é a representação da angústia que sentia naquele espaço específico; tudo está ligado ao local onde ela se encontra, com quem ela se encontra e que decisões ela fará em nome do amor e de seu bem-estar físico, bem-estar este que ela acredita que só pode ser alcançado com Saulo ao seu lado.

Saulo assume a posição de narrador e afirma que eles estão presos um ao outro, que ele é a desangústia de Marcela; aqui, faz referência ao momento em que Daniel fala a Marcela que ela precisa sentir a angústia de estar na ilha, e a menina nada mais quer que sentir a desangústia. Outra expressão que deixa claro que Saulo cumpre o papel de salvação para ela.

Ao fim da história, após o desaparecimento de José e Roberto, apesar de ser somente Marcela e Saulo na ilha, ela tem medo. Parece finalmente entender o quanto Saulo a consome, tem medo dele e de se perder nele. A angústia volta a ela: "- Não suporto, Saulo!...". Ela entende finalmente que, se acompanhar Saulo, irá perder-se, pois ele é imenso demais, e ela é frágil demais, e que ninguém voltará à ilha. Ela entende que Saulo é sua própria destruição e que precisa fugir dele.

Apesar de ser fácil atribuir a sensação de loucura a Marcela, é importante ressaltar que Saulo foi a maneira que ela encontrou de suportar o isolamento, mas que este afetava todos na ilha. Seu pai José cada dia era um homem mais paranoico e menos lúcido, e desconfiava completamente de Daniel e Roberto. A lucidez de Marcela não desapareceu quando ela inventou Saulo, mas sim quando permitiu que Saulo tomasse conta de tudo que ela era.

7. CONCLUSÃO

Em conclusão, a apresentação e análise da obra "A Ostra e o Vento" do autor Moacir C. Lopes tratou da importância desse livro, pela sua beleza e sensibilidade, além de falar da solidão e da loucura tão sublimemente, perpassando os principais aspectos estilísticos do escritor, e do conteúdo da leitura, que possibilita ao leitor viajar entre tempos e espaços criados minuciosamente pelo autor.

Moacir C. Lopes é um autor muito repercutido no estrangeiro, e já participou de diversas palestras e estudos feitos por universidades americanas sobre seu livro "A Ostra e o Vento". No Brasil, no entanto, esse escritor não parece ser o protagonista de muitas análises, mesmo tendo criado uma técnica inovadora dentro deste romance. Isso mostra que a obra de Moacir C. Lopes precisa ser melhor lida e melhor analisada dentro da produção literária brasileira, como esse trabalho se propôs a fazer.

"A Ostra e o Vento" é uma obra rica, romântica, e que transporta o leitor a um universo fantástico pouco explorado na literatura brasileira. Por meio do ponto de vista de Daniel, José, Marcela e Saulo, é possível mergulhar no sentimento de solidão compulsória que leva à loucura, seja ela subjetiva ou objetiva, e a descoberta pessoal e emocional desses personagens em meio a uma ilha deserta, trazida pelas experiências do próprio autor. Nesse sentido, o autor está sempre presente em qualquer uma de suas obras.

Não é possível, no entanto, explorar essa obra sem o panorama sócio histórico em que foi publicada. Isso pois toda obra é histórica à medida em que retrata a realidade que o autor quis exprimir. Essa realidade está relacionada ao que ele viveu, como viveu, e como ele entendeu aquele momento, algo que só é possível de fazer entendendo sua individualidade como escritor e ser humano. O conhecimento sobre o modernismo e pós-modernismo, assim como todo período histórico, é uma importante ferramenta de leitura e compreensão de uma narrativa.

Por fim, fica claro que "A Ostra e o Vento" é uma obra lírica, com aspectos especiais de regionalismo, escrita por um autor apaixonado pelo mar, que buscou explorar todo o ambiente marítimo como representação de fuga da cidade. De tal forma, é impossível analisar este livro sem tratar dos principais aspectos que tornam sua narrativa tão única, e que trazem uma promessa romântica em meio a metáforas, sentimentos conflitantes e a aparição mística do amar e ser amado, que pode tanto te fortalecer, quanto te destruir.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, L. N. S. **O romancista dos mares: entrevista com Moacir Costa Lopes.** Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN. n. 3, fev./jun. 2011

BOOTH, Wayne C. **A retórica da ficção.** Tradução Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcária, 1980.

CARVALHO, José Augusto. *Contribuição para o estudo da vida e da obra de Moacir Lopes.* n. 10: Dossiê Três Canônicos: Machado de Assis, Julio Cortázar, João Guimarães Rosa. Universidade Federal do Espírito Santo, 2003.

FILHO, D. Pós-Modernismo e Literatura. São Paulo: Ática, 1988.

FODY, III, Michael. **Prefácio à 2 edição de A Ostra e o Vento.** Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

FODY III, Michael. *Criação e técnica no romance de Moacir C. Lopes.* Tradução Ilza Viegas e Augusto Carvalho. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

GÓES, Fernando. *A representação do mar nos romances de Moacir C. Lopes.* Faculdade de Ciências e Letras, Unesp. São Paulo, 2016.

LOPES, Moacir Costa. *A Ostra e o vento.* Rio de Janeiro: Revan, 1995.

MELO, Maria Cristina de. *A Ostra e o Vento: o feminino ferido.* **Mafuá**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 16, 2011.

RITA, Annabella. *Focalização.* Dicionário de termos literários. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/focalizacao>. Acesso em: 03/06/2023.

RUSSELL, Bertrand. *Os Problemas da Filosofia.* Coimbra: Edições 70, 2008.